



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

*Discurso na reunião com as diretorias da
Confederação das Associações Comerciais do
Brasil e das Federações e Associações
Estaduais e com o Ministro da Indústria, do
Comércio e do Turismo, Francisco Dornelles*

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 14 DE JANEIRO DE 1998

Ministro Dornelles; Ministro Clóvis Carvalho; Doutor Joaquim Fonseca Júnior, Presidente da Confederação das Associações Comerciais; Doutor Pio Guerra, do Sebrae; Senhores Presidentes de Associações; Senhoras e Senhores,

Fico feliz de ouvir as palavras do Ministro Dornelles e as palavras do Doutor Joaquim Fonseca a respeito do que se está fazendo no sentido do atendimento à pequena e à microempresa.

Eu quero aproveitar a oportunidade para dizer que o Ministro Dornelles tem sido incansável nessa luta. E quero, aqui, expressar o meu agradecimento à ação do Ministro, que tem sido um articulador dos interesses legítimos dos produtores brasileiros, sempre com essa preocupação de não confundir esses interesses com o interesse dos maiores. O tempo todo o Ministro Dornelles me tem alertado para a importância da capacidade de penetração que tem a microempresa, que têm as associações, e para a necessidade de estarmos ligados realmente àquilo que há de mais enraizado e dinâmico na nossa sociedade. É por isso, em grande parte, que nós temos conseguido fazer o que estamos fazendo, porque o Ministro tem sido muito ativo nisso e tem contado com o

respaldo do Ministro Clóvis Carvalho e de todo o Governo, mas tem tido uma iniciativa louvável.

E, agora, com esse Fácil, damos mais um passo. Um passo importante, porque – não vou repetir o que disse o Ministro Dornelles – as dificuldades ridículas à possibilidade de abertura de empresas nos dão saudades do Hélio Beltrão, que tanto lutou pela desburocratização do Brasil. Na verdade, isso é importante.

Foi homenageado? Então, eu me associo à homenagem prestada ao Hélio Beltrão.

Quero dizer também que, realmente, o espírito que está por trás disso é um espírito cartorial, que não tem mais razão de ser numa sociedade aberta, democrática, em que a cidadania deve prevalecer. Não é possível que, a cada instante, o Estado esteja a dar atestado de boa conduta, até porque, a toda hora, essa burocracia mina a capacidade mais dinâmica de ação, quando não se chega a fatores inclusive mais graves do que simplesmente demorar, quando essa demora vem associada com a tentativa de obter vantagens pela concessão daquele atestado. Estamos acabando com isso.

Acho que, como já foi reconhecido também pelo Doutor Joaquim Fonseca, o fato de nós termos conseguido introduzir o Simples ajudou bastante. Eu estou solidário com o esforço das associações comerciais, para que os estados todos se juntem nessa modalidade de simplificação da vida empresarial. E o Fácil, agora, complementa isso.

O aspecto fundamental é o aspecto de que o dinamismo da pequena empresa é que assegura, realmente, a prosperidade dos países e, sobretudo, das populações dos países. Enganam-se os que pensam que um país, como os Estados Unidos, está baseado na grande empresa. Por certo, a grande empresa delineia, dá a conformação geral da economia. Mas a economia americana está fundada em milhões de empresários pequenos, médios, de atividades autônomas, num dinamismo que, hoje, dá inveja ao resto do mundo e explica por que, nos Estados Unidos, não há queda de emprego, como há em outras partes, porque eles são capazes de enfrentar os desafios que se apresentam há mais tempo na questão da tecnologia asiática. E nós temos que seguir esse caminho,

porque esse é o caminho mais condizente com uma sociedade como a nossa, que é dinâmica e, cada vez mais, confia nos cidadãos.

Eu acho que o fato de a pequena e a média empresa gerarem mais empregos, por si só, já justificaria um tratamento especial. Aliás, a Constituição reclama esse tratamento especial.

Ainda recentemente – aqueles que imaginam que nós estejamos aqui numa situação de crescentes dificuldades não devem ter gostado – na revista *Veja*, saiu um dado que mostrou que, no ano passado, o número de empregos com carteira assinada criado foi maior do que o número de empregos que foi fechado. Normalmente, se dão apenas as estatísticas dos empregos fechados. Não se colocam os empregos abertos. E não se vê o saldo. E o saldo foi grande. Ou seja, continua havendo um grande dinamismo na economia brasileira. E, certamente, esse dinamismo aumentará, e muito, com a proliferação de pequenas e microempresas.

Nessa mesma linha, o Ministro do Trabalho tem feito um esforço também grande, meritório. O Senado acabou de aprovar, ontem, uma lei que terá a sua importância também, que é a facilitação de novas formas de relação de trabalho, que não se podem ater àquelas relações que foram fixadas décadas atrás, quando o mercado de trabalho era diferente e a capacidade negociadora dos sindicatos era outra, era muito menor do que é hoje. É possível, portanto, modificar a legislação sem que disso derive um dano, senão um benefício para o trabalhador, até porque alguma forma de contribuição social passará a haver, embora diminuída, ao invés de termos essa imensa massa de empregos não formais, que, na verdade, na prática, oneram não apenas a pessoa que fica desprotegida – e isso é gravíssimo –, mas o Estado, que vai ter que dar alguma proteção, mais tarde, àqueles que não contribuíram para essa proteção. Portanto, isso aumenta, encarece os impostos, porque de alguma parte haverá de vir o dinheiro para fazer face àqueles que não pagaram hoje; no futuro, outros pagarão por eles. Então, essas modificações vão continuar nessa direção de criarmos uma sociedade mais justa e mais dinâmica.

Acredito que, com todas as dificuldades conhecidas – e algumas aqui foram mencionadas, a questão de juros altos, e todos compreendem as

razões pelas quais o Brasil tomou as decisões que foram tomadas –, apesar dessas dificuldades, eu continuo com muito otimismo, porque eu confio no dinamismo deste país. O otimismo meu não deriva só de uma análise ou do fato de que o Governo sempre tem que ter uma perspectiva de abrir horizontes, mas deriva da convicção de que nós temos um grande país. Um país não é um mercado. Um país é uma população, é um conjunto de pessoas que estão motivadas, que atuam. Claro que o mercado conforma certas limitações, mas as pessoas estão aqui para superar as limitações eventualmente existentes.

O Ministro Dornelles é um dos mais otimistas, quando prevê, por exemplo, taxas de crescimento. Tenho dito sempre que os economistas dão palpites. Só que revestem o palpite de uma falsa sabedoria e calculam: “um ponto vírgula três”. Vamos ver. Acho que nós não devemos nos ater a isso. Devemos nos ater à motivação, à vontade, à direção, à meta, ao desejo de avançar e irmos nos ajustando, dinamicamente, às situações, não nos conformando, simplesmente, com que há uma limitação. Há uma limitação, vamos contorná-la. Vamos criar condições para dar um salto maior. Acho que é nesse espírito que essas modificações todas estão ocorrendo e estão sendo consolidadas.

Por certo, nesse elã, aqui já foi dito, eu agradeço, mas é preciso também que continuemos a batalhar para a questão de algumas dessas reformas, que são fundamentais. A principal, a administrativa, nós vamos aprovar brevemente. O esforço será muito grande, mas nós vamos aprovar também a reforma previdenciária, que abrirá passos para novas propostas na área da Previdência, que possam resolver duas coisas com um mesmo movimento: por um lado, diminuir o déficit, com critérios mais rigorosos, ou mais justos do que rigorosos, no sentido da concessão das aposentadorias por tempo de contribuição; por outro lado, abrir espaço para a formação de fundos de acumulação, fundos de capitalização, que permitam assegurar uma aposentadoria melhor e, ao mesmo tempo, criar aquilo de que precisamos, que é capital doméstico.

Espanta-me que muitos dos que vivem reclamando de que o Brasil, hoje, depende do fluxo de capital externo não nos ajudem a criar os fluxos de capital interno. Sinal de que votam contra tudo o que ajudaria

a criar o capital interno. Na verdade, não querem nada. Querem só o poder. E o poder pelo poder não vale nada. Ele deve querer o poder para fazer alguma coisa. Nós, pelo menos, dizemos o que queremos fazer e estamos fazendo, e juntos.

Termino dizendo que só juntos é que poderemos avançar. A sua proposta de abrir mais e mais com as associações comerciais para a intensificação das exportações me parece mais do que correta, porque só juntos é que nós avançaremos.

Há um caminho imenso aí na questão das exportações, sobretudo porque nós temos que incorporar ao esforço exportador a pequena e média empresa. Isso eu creio que é fundamental. É o desafio do momento. E nós poderemos fazê-lo de mãos dadas.

De modo que agradeço a presença de todos. Agradeço as palavras dos que me antecederam, mas, sobretudo, quero que esse agradecimento se configure numa verdadeira parceria entre governo e sociedade, para que nós, juntos, possamos avançar cada vez mais.

Muito obrigado.